

# Apoio alemão às teses de Sarney

por Paulo Sotero  
de Washington

O otimismo que o presidente José Sarney exibiu ao embarcar de volta ao Brasil, na última quarta-feira, depois de, da tribuna da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, denunciar a falência da atual abordagem do problema da dívida e exortar os países industrializados a buscar um novo caminho para a solução do problema foi plenamente justificado na sexta-feira passada, pelo discurso na ONU do ministro das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha, Hans Dietrich Genscher.

"Desde 1982 temos feito progressos no sentido de superar a crise da dívida. Mas a crise está longe de ser dominada. Continua a bater como uma bomba-relógio na economia mundial e compromete o desenvolvimento e a estabilidade social dos países em desenvolvimento, bem como a saúde do sistema bancário", iniciou Genscher. Mais à frente, depois de conchamar os bancos a reabrir seus créditos e os países endividados a reformar suas políticas econômicas internas, continuar o combate à inflação, de forma a atrair mais investimentos externos, e pôr fim à fuga de capitais. O ministro alemão repetiu quase literalmente palavras que Sarney havia pronunciado

quatro dias antes, daquela mesma tribuna, ao falar sobre a natureza do problema da dívida.

"Nós precisamos, contudo, estar atentos para o fato de que a dívida não é apenas um assunto econômico e financeiro, é também uma questão política. E uma questão de paz social e de estabilidade interna dos países devedores. Eles não devem ser confrontados com exigências impossíveis. O serviço da dívida externa do Terceiro Mundo não pode ser realizado por recessão, desemprego e fome e com ameaça à liberdade, democracia e independência", afirmou Genscher.

O ministro defendeu ainda novas reduções das taxas de juros e a adoção de políticas fiscais pelos países industrializados, que produzam a queda da taxa de juros — ou seja, disse Genscher, "eles precisam reduzir seus déficits orçamentários". Ele defendeu também, com firmeza, o fim das políticas protecionistas nos dois sentidos.

Embora Genscher não negue alguns dos postulados básicos da abordagem ortodoxa para o problema da dívida, o reconhecimento da sua dimensão política pelo representante da terceira potência econômica do Ocidente — e primeira da Europa — é um fato extremamente significativo. E a primeira vez que um porta-voz de peso pesado nas decisões econômicas, que o governo de Bonn certamente é, faz uma declaração nessa direção.

De imediato, o discurso de Genscher dá vida nova à reunião anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Já se sabia que nessa reunião, que começa no próximo fim de semana, em Seul, haveria algumas iniciativas tímidas no sentido de ampliar o debate da dívida. Agora, pode-se esperar um pouco mais.

A posição revelada por Genscher parece indicar a correção da estratégia escolhida pelo presidente José Sarney na questão da dívida, ao denunciar a fórmula recessiva de solução do problema da dívida, que nada resolve e apenas o agrava. O presidente tinha

em mente dar um recado. Talvez, até mesmo para sua surpresa pessoal, seu recado, amplificado pelo coro latino-americano, acabou sendo entendido no que tem de essencial: que a resposta é o desenvolvimento.

O apelo feito por Genscher aos bancos comerciais, na ONU, no sentido de reabrir seus créditos, parece justificar, ao menos parcialmente, um outro cálculo feito pelo alto fun-

cionário do governo: o cálculo segundo o qual o Brasil já pagou sua parte da conta com três anos de recessão e continua a pagá-la com um salário de US\$ 50 por mês, que é o quanto ganha a maioria dos trabalhadores. O saldo da conta, segundo esse raciocínio, terá de ser rachado primordialmente entre os bancos comerciais, os bancos centrais dos países industrializados e os organismos internacionais.

## Reunião de devedores

por Paulo Sotero  
de Washington

Os ministros das Relações Exteriores dos países da América Latina membros do Consenso de Cartagena marcaram uma reunião para dezembro, na qual pretendem elaborar uma proposta concreta do continente delimitando os parâmetros de uma negociação política da dívida. Esta será a primeira vez que os latino-americanos passarão da palavra a uma ação conjunta no debate da dívida. A reunião ficou combinada num encontro que eles mantiveram em Nova York, na semana passada.